



**AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,  
FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR  
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA  
I FAZENDO ARTE NORTE

**PALAVRAS E GESTOS:  
UMA ANÁLISE DAS TRADIÇÕES ORAIS E DOS GESTOS NA  
RELIGIOSIDADE POPULAR BRASILEIRA**

GT 2: RELIGIÕES DA NATUREZA, ORALIDADE E SABERES CULTURAIS

Ana Luísa Morais Barbosa<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Graduada em Artes pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Religiões e religiosidades afro-brasileiras pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (UFJF). Mestre em Ciência da Religião (UFJF). Doutoranda em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR) da UFJF. Bolsista da Capes, com dedicação exclusiva. E-mail: analuisa.mbarbosa@gmail.com.

## **Introdução**

Este trabalho visa analisar a visão de Luís da Câmara Cascudo, intelectual brasileiro do início do século XX, acerca de dois fenômenos distintos que são características fundamentais dentro da religiosidade popular brasileira: a oralidade e os gestos. A fala e o gesto são universais e abrangem contextos diversos, mas nos limitaremos nesta pesquisa a compreender o papel da oralidade na prática da religiosidade brasileira, assim como apontar alguns gestos que remetem à religiosidade, ambos considerados capazes de agir no plano sobrenatural. Compreender-se-á a religiosidade popular através da teologia popular, termo proposto por Luís da Câmara Cascudo, como um conjunto de normas e critérios que regem a dinâmica popular. A teologia popular brasileira possui, segundo Cascudo, autonomia institucional. Apesar de ser influenciada por várias fontes, e o catolicismo se mostrou como uma das principais, a teologia popular, se desenvolveu e permanece tendo como base sua própria dinâmica que se estabeleceu e ainda se estabelece pela oralidade.

Para desenvolver esta questão partir-se-á do entendimento da teologia a qual Cascudo se refere em contraposição à teologia dogmática, ou ciência teológica. Buscar-se-á compreender a dinâmica do conhecimento transmitido oralmente, abordando as principais características da oralidade como via de transmissão de conhecimento no povo. Por fim, será feita uma abordagem do gesto como linguagem detentora de poder dentro da religiosidade. Para os brasileiros, determinadas palavras e gestos têm a capacidade de agirem no plano sobrenatural contra ou a favor de forças consideradas maiores que os indivíduos. O trajeto possibilitará enxergar a relação entre mito e rito, oralidade e gestual, a partir da mobilidade de cada um.

### **A teologia popular: “Deus explicado, é Deus diminuído”.**

No capítulo *Da teologia popular*, do livro *Religião do Povo*, Cascudo afirma que “há, evidentemente, uma Ciência de Deus entre o Povo”. Segundo o autor, existe um critério uniforme na vivência dos acontecimentos grupais e individuais que rege uma “classificação sentenciosa apoiada no consenso da comunidade” (CASCUDO, 1971, p. 171).

Ao contrário do que pressupõe a teologia dogmática, a teologia popular contraria a racionalidade no entendimento da esfera divina. “Ao contrário da presunção teológica: teimosa, louvável e contrapudente, o raciocínio popular nega formalmente que a razão esclareça os desígnios do Criador, como não é crível a criança compreender todas as determinações paternas” (Ibidem).

Compreendida como “processo de incorporação do Infinito às limitações do entendimento material, submetido aos órgãos falíveis da percepção” (CASCUDO, 1971, p. 172), assim

como Cristo doutrinou por meio de alegorias, parábolas e comparações, a teologia ocupou-se em informar com argumentos a serviço do homem. A patrística e a apologética foram responsáveis por dar a ela a missão submissa do criador à criatura. Segundo Cascudo, esse é o clímax que diferencia a Teologia do Povo e a Ciência Teológica. Para o povo, “deus explicado, é deus diminuído” (Ibidem), limitado às concepções terrenas.

Dessa forma, a não compreensão é fato natural. “No povo a fé cimenta-se numa simplicidade racional que alegraria Santa Teresa de Jesus. Quando Deus quer ser entendido *lo hace sin trabajo nuestro*. Não encontrar explicação é reconhecer a fronteira inevitável do incognoscível”. “O povo não discute” (Ibidem). Não é necessário que se compreenda Deus para ser cristão, assim como não é preciso compreender o Brasil para ser brasileiro. A fórmula popular consiste na obediência a Deus sem a pretensão de minimizar a ordem recebida. “O dever de explicar é um direito de insubmissão espiritual” (Ibidem).

Diferentemente dos intelectuais, o povo não se interessa por explicações para os fenômenos sobrenaturais. “Para o Povo o Sobrenatural é lógico pela simples evidência, explicando-se pelo próprio mistério impenetrável às argúcias da curiosidade humana” (CASCUDO, 1974, p. 18). Os mistérios divinos não pertenciam aos homens. Importava o para quê, utilitário, e não os porquês, explicativos. “O homem do Povo é naturalmente, discutidor, exceto nos assuntos da Fé religiosa” (CASCUDO, 1974, p. 25).

Cascudo atenta para o domínio da consciência de uma mentalidade antiga, exata e formal em relação ao exercício do culto litúrgico, caracterizada por ser inalterável. “O povo reproduz, imperturbável, uma argumentação aposentada, mas eficaz e justa para ele. Não é ignorância. É convicção” (CASCUDO, 1971, p. 173). O caráter sempre cristão é irreformável, conservando crenças condenadas por vários concílios, mas que eram comuns e legítimos antes deles. “Nenhum legislador, religioso ou civil, poderá determinar novas ou afastar as antigas. Imutáveis heranças antidiluvianas” (CASCUDO, 1971, p. 173-174).

Mesmo aspectos culturais não interferem, mas se adaptam à mentalidade coletiva. As existências são por vezes paralelas e não convergentes. “Os povos de ontem, no continente americano, são inconfundíveis. As classes letradas valem invólucro. Vistoso e mutável. Sobre essa superfície é que incide a policromia literária, no interior, o complexo homogêneo, espesso, maleável sem que mude a substância real, guarda a surpreendente unidade” (CASCUDO, 1971, p. 174).

A fé indagadora, inquieta e insistente não faz parte da religiosidade popular, não havendo “curiosidade modificante ou dúvida infiltradora” (CASCUDO, 1971, p.174). Não por indiferença,

mas por suficiência. “Não sente necessidade de fazer circular o capital idôneo para satisfazer-lhe a tranquilidade mental” (Ibidem). A ciência de Deus no povo não age pela via da compreensão, sendo afirmativamente definitiva.

Defende, inconscientemente, uma Teologia básica, desinteressada pelas especulações casuísticas e debates em círculo fechado, rodando no mesmo perímetro metafísico. Todas as questões inexplicáveis são evitadas por pertencerem ao divino privilégio do Mistério. Não se sente humilhado pela ignorância porque lhe denuncia ter alcançado a fronteira imperscrutável da suprema Ciência, definitiva, mas incognoscível (CASCUDO, 1971, p. 174).

Ignora o povo questões de predestinação, livre arbítrio, eucaristia, sacramentologia, trindade e toda a retórica sobre os dogmas estabelecidos pela Igreja. No entanto, para crer não é necessário que se compreenda, basta concordar. A fé permanece intacta antes, durante e depois dos concílios e da patrística. A análise popular é imóvel. “Pura, intacta, virgem, no seu castelo impenetrável aos demônios da dúvida. Fideísta” (CASCUDO, 1971, p. 175). Por sua vez, a moral popular está vinculada ao Antigo Testamento, e não ao Novo. A dinâmica patriarcalista predomina, sendo o pai de família suplente de Deus. A posição materna é secundária, restrita aos afazeres domésticos. Embora o tempo tenha mudado as dinâmicas do costume, o preceito julgador permanece o mesmo. “Faca muda de cabo, mas não muda a folha (lâmina). Só se dispensa o substituível” (CASCUDO, 1971, p. 176). O autor cita algumas situações e o consequente julgamento popular:

(...) castidade? Nas fêmeas. No homem “nada péga”. O pecado sexual Deus deixou no Mundo porque fez os membros apropriados para a fecundação. Só se peca porque ELE permite. O maior crime é o roubo. O assassinato é justificável e o furto nunca. A traição é a sujeira repugnante numa criatura. A ingratidão, esquecimento dos benefícios, é defeito da carne fraca, assim como a mentira, mas o falso é por todos condenado. Continua o horror ao incesto, atingindo afilhadas e comadres (CASCUDO, 1971, p. 176).

O celibato clerical é prática desacreditada pelo homem do povo, que duvida da pureza sacerdotal. “Fora do altar, são homens como outros” (CASCUDO, 1971, p. 176). A exigência restringe-se aos deveres e à assistência cristã, não sendo cobrada a prática do sermão. A missão dos clérigos detém-se nos conselhos, conversas e admoestações. Dizer “vá conversar com o vigário” (CASCUDO, 1971, p. 177) era recorrer a uma instância máxima. A interrupção do ministério por prática indevida do vigário não era admitida. “A prevaricação ao sexto mandamento não afeta a obediência primordial ao primeiro” (Ibidem). O consentimento à cópula é lícito e justificado.

“Para isso Deus aparelhou os dois sexos” (Ibidem). Consiste em crime a violência carnal, estupro, coito não consentido por ambas as partes. “A castidade é um compromisso entre o padre e Deus” (CASCUDO, 1971, p. 178). Permanece o interesse do povo no exercício do ministério na comunidade e não a vida privada do padre.

A heterodoxia popular não compreende a “eternidade dos castigos sobrenaturais” (CASCUDO, 1974, p. 9). A tortura é produto do homem, “conquista do progresso” (Ibidem). São ações contra Deus, e não ao seu serviço. Esse complexo reprovador é, segundo o autor, “uma defesa da personalidade moral da Criatura” (Ibidem), feita à imagem e semelhança de Deus. As agressões faciais são ofensivas, sacrilégios, por alusão à face divina. “Uma punhalada é uma agressão. Mão na cara, ofensa indelével” (CASCUDO, 1974, p. 8). A humilhação é imperdoável e as raízes são religiosas. Todos esses elementos se tornaram atributos sociais e se mantêm no uso, sem que haja necessariamente o conhecimento das fontes.

Outra constante observada por Cascudo diz respeito à predileção pelos ditos sentenciosos, “sínteses da longa elaboração íntima” (...) Peço esmola, mas não peço proceder”; “A diferença entre rico e pobre é só dentro do bolso”; “A lição do homem é no que faz e não no que diz”; “O homem entorta o que Deus fez certo” (CASCUDO, 1971, p. 180). Não há comentário ou justificativa após a sentença, deixando clara a intenção moral.

As frases curtas e sinceras têm um poder incontestável. “Dito e feito”. O conjunto de provérbios consiste em código de ética comportamental, que a memória conserva porque aceita. “As origens são longínquas, variando o vocabulário da apresentação recente. A memória conservou esse patrimônio porque concordava com ele. É uma orientação religiosa às repercussões da vida diária” (Ibidem). A memória do povo não se desocupa dos julgamentos morais.

O homem do povo para Cascudo não se atreve a mergulhar em raciocínios adversos, contrários aos dogmas da própria conclusão, “restrições formais imobilizando as soluções de sua hermenêutica” (CASCUDO, 1971, p. 181). A consciência é a da certeza, hereditariedade da confiança. “Onde começa o mistério para o intelectual, inicia-se a constatação para o Povo” (Ibidem).

A teologia popular segue os preceitos da lógica supersticiosa. O conjunto de hábitos, crenças, ritos, apesar de diversos em cada região apresenta uma unidade lógica e imutável. São reminiscências psicológicas que afloram de maneira generalizada na vivência da fé por todo o Brasil. Independente das chamadas religiões populares e de quais sejam, a religiosidade do brasi-

leiro encontra sua unidade nessa lógica supersticiosa, na lógica do *super-stitio*, daquilo que sobrevive. O povo reproduz a dinâmica milenar sem a consciência da reprodução, mas confiante na eficácia.

Surpreendente é a unidade lógica desses conceitos por todo o Brasil popular. Nenhuma discrepância na ética das afirmativas formais, como brotando do inatismo cartesiano. Apenas o vocabulário defende o regionalismo da expressão, expondo imagens naturais da ecologia ambiente. O paroara amazônico e o peão gaúcho não modelam as mesmas frases, mas o sopro que as destina ao entendimento parte do quadrante imutável da convicção religiosa. A finalidade é uma humilde iluminação ao passo hesitante do homem, denunciado pela pergunta sarcástica ou curiosa, sempre no plano da informação sobrenatural. A quase totalidade das criaturas credoras do meu afeto não sabia ler mas reproduzia a voz misteriosa e perene de uma sabedoria sem fontes impressas, insinuações capciosas, impulso de valorizar-se. Ostentação. Vaidade. Importância. Apenas obedecia a uma demonstração sincera de expor o que sabia (CASCUDO, 1971, p. 183).

Percebe-se, assim, que Cascudo encontra uma unidade na atuação do povo brasileiro que segue a lógica da superstição. Existe uma força que age no inconsciente coletivo, que concebe tanto gestos, palavras, intenções quanto manifestações grupais de localidades dispersas, resultado de sabedorias ancestrais.

A relação harmoniosa do povo com a teologia popular liga-se sobretudo à funcionalidade e à praticidade das concepções. A suficiência e a aceitação inquestionável dos fatos sobrenaturais, assim como a passividade mediante os desígnios divinos, são aspectos que se enquadram em uma compreensão de mundo que tem, sobretudo, uma lógica explicativa. Essa lógica não é, contudo, menos legítima que qualquer outra existente e permanece paralela e contínua pela aceitação coletiva. É certo que se procura a todo tempo explicações para acontecimentos que não são, à primeira vista, compreensíveis, e a teologia popular é justamente uma delas, entretanto, com uma dinâmica própria.

### **Gestos e palavras de poder.**

A teologia popular se sustenta, segundo Cascudo, pela oralidade. O conhecimento é transmitido sem que haja documentação regente ou dependência de qualquer instituição religiosa. Pela própria condição da transmissão oral, o conhecimento torna-se maleável, embora imbuído de uma constante, uma ideia comum que pode ser transmitida de várias formas dependendo do interlocutor e da interpretação do receptor, que por sua vez, passa a informação à sua maneira. O ditado

popular de *quem conta um conto, aumenta um ponto* torna-se válido nessa dinâmica. Os mitos orais, por essa razão, apresentam variações que podem ser grandes ou pequenas, mas nunca permanecem rígidos e inalteráveis.

Certas palavras exteriorizadas ganham, por sua vez, dimensão sobrenatural. O diabo ou outros termos sinônimos referentes à figura do mal quando exteriorizadas adquirem a potência de atrair ou tornar real. Por essa razão encontramos eufemismos como *o coisa ruim*, ou *sete pele*, ou mesmo *aquele que não se pode pronunciar o nome*. Da mesma forma, rogar praga é prática de poder, que possui efeito para aqueles que participam. Praga de mãe é três vezes mais potente, assim como a benção protetora. Todas essas informações foram observadas e analisadas por Cascudo que vivenciou ao longo de toda a sua vida no nordeste brasileiro. O termo *vira essa boca pra lá* muito comum na dimensão popular brasileira, a qual Cascudo se refere, torna explícito o poder da palavra. Não dizer determinados termos é permanecer seguro. Da mesma forma, de maneira contrária, há termos e frases contra o mal, como proteção. *Deus te guarde*, *Deus me livre*, *Graças a Deus*, trazem consigo a proteção a ameaças diversas. Dessa forma, a palavra dita consiste em uma das maneiras de se manipular as forças sobrenaturais, seja para o bem ou para o mal.

Cascudo também estuda sobre os gestos em **História dos nossos gestos** (2001), no qual investiga a importância da articulação gestual na comunicação humana. Antes da voz, o gesto, primeira linguagem do homem, é mais fiel que a palavra, que se modifica conforme o dialeto. Para ele, o gesto carrega inalterável a história da comunicação humana.

O gesto é a comunicação essencial, nítida, positiva. Não há retórica mímica, apenas reiteiração da mensagem. Essa limitação recorda o inicial uso entre humanos, quando o metal era pedra e a caverna abrigava a família nas horas da noite misteriosa. “Aprende com os mudos o segredo dos gestos expressivos”, aconselhava Leonardo da Vinci. A palavra muda. O gesto não (CASCUDO, 2001, p. 19).

Anterior à palavra, segundo Cascudo, o gesto agrega valor à linguagem, enriquecendo a comunicação. Participam, segundo o autor, de vivências coletivas, entusiasmadas, configurando-se como um espaço de expressão individual dentro da coletividade. A questão gestual ultrapassa, contudo, a esfera religiosa, mas dentro da mesma tem sua importância.

Os gestos, como as palavras ditas em voz alta, têm poder. O gesto de bater na madeira afasta o mal presságio, isola o mal. Assim como fazer figa, o sinal da cruz, ou mesmo cruzar os dedos. Segundo Cascudo, os gestos agem no mecanismo motor, funcionam como instinto. Não é

necessário a racionalização do gesto para que ele aconteça, consolidado pela repetição. Faz-se uma primeira vez, por observação ou mesmo ensinamento, acionados por uma situação específica (medo, insegurança, ameaça). Toda vez que a situação se repete, o mecanismo motor é acionado e o gesto acontece. Pela repetição e pela funcionalidade. Não há, todavia, gestos sem funcionalidade. Eles surgem para atender a uma demanda específica. Segundo nosso autor dificilmente se criam novos gestos ou se eliminam determinados gestos. Isso ocorre pelo fato de agirem no nível do subconsciente e por terem um caráter funcional. Faz-se determinado gesto, para atingir tal finalidade. Não há gestos em vão. Uma vez que a oralidade se liga aos mitos, o gestual liga-se diretamente com a questão ritual. Os gestos analisados no povo por Cascudo podem ser enquadrados como ritos mágicos, segundo a concepção de Malinowski, tendo o rito mágico um propósito prático específico que é conhecido a todos que o praticam.

A rigidez do gesto, como forma de organização e método mágico, conforme nos propõe Cascudo configura a própria rigidez do rito, que é pouco ou nada alterável, permanecendo o mesmo, embora o significado por ser modificado, por conta da mobilidade da oralidade.

### **Considerações finais**

Dentro da teologia popular, conforme o entendimento de Luís da Câmara Cascudo, ou seja, da maneira de agir na esfera da religiosidade popular brasileira, onde não há a necessidade de racionalização das práticas e crenças, os gestos e a palavra exteriorizada, a palavra dita em voz alta, possuem uma dimensão sobrenatural, de poder. As forças sobrenaturais podem, dentro dessa perspectiva, ser manipuladas através do mecanismo tanto da fala/oralidade, que é por si só fluida e maleável, quanto da gestualidade de caráter mais rígido, pouco maleável. Nesse sentido pode-se afirmar a relação entre a dinâmica do mito que se vincula à oralidade e a rigidez ou da menor variação do rito, que se vincula, por sua vez, à questão gestual.

É interessante observar como, dentro da perspectiva de Luís da Câmara Cascudo sobre a teologia popular, existe no povo uma ciência explicativa sobre os acontecimentos da vida. Da mesma maneira que as ciências exatas e biológicas, por exemplo, oferecem explicações para os fenômenos como o mal ou a morte, o povo responde de maneira suficiente e eficaz a suas inquietações. A morte pela vontade de Deus, *morreu porque Deus quis, estava na sua hora*, substituem a *causa mortis* contida nos obituários fornecidos pelos médicos. Não por ignorância, mas por convicção. Cascudo sabia bem que o povo não lê, mas ouve.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

Cabe dizer, à título de conclusão, que a ciência da religiosidade popular consiste num conjunto de interpretações legítimas e autênticas da realidade que se mantém em movimento. Os gestos e a oralidade são linguagens fundamentais da religiosidade brasileira oferecendo uma leitura farta de simbolismos que oferecem a visão da cultura do nosso povo.

#### **Referências Bibliográficas:**

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradição, ciência do povo**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

\_\_\_\_\_. **Religião no Povo**. João Pessoa: Imprensa Universitária, 1974.

\_\_\_\_\_. **História dos nossos gestos: uma pesquisa mímica do Brasil**. São Paulo: Global, 2003.